



CONEDU
Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

O COMPLEXO DE “PROFESSORA HELENA”¹

Rebecca de Medeiros Silva
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
rebecca.mdrs@gmail.com

O presente trabalho se propõe a discutir as práticas docentes no contexto do neoliberalismo, com ênfase na produção subjetiva em torno de um modelo de professor caracterizado pela lógica pastoral relacionada à lógica disciplinar. A sociedade disciplinar se organiza por normas e dispositivos que irão estruturar práticas cotidianas, como as escolares, tornando a docência uma relação de produção de docilização.

Essas análises foram elaborados a partir do material produzido no Curso de Extensão: PENSANDO FERRAMENTAS PARA INTERVIR NA ESCOLA², coordenado pela socióloga Estela Scheinvar. Percebemos na fala dos participantes do curso que a relação que estabelecem com os alunos tornou-se uma preocupação. De acordo com os relatos a prática docente assume como lógica central: a condução dos alunos por um caminho de sucesso a partir da boa relação entre professor-aluno no processo de escolarização. Em sua obra, Foucault (2008) afirma que o pastor tem em sua prática uma perspectiva salvacionista. Para ele, o ato de pastorear tem como foco os indivíduos (no nosso caso, os estudantes) e não o território (no nosso caso, a escola), visando o zelo e a salvação das ovelhas. O poder pastoral é um poder de cuidado.

A partir das análises sobre o poder pastoral propostas por Foucault, visualizamos a figura do professor tendo o poder pastoral como referência para suas práticas. Ressalta-se que na contemporaneidade a concepção do bom pastor é incorporada no processo que se conhece como produção capitalística³ de desejo. Guatarri e Rolnik (1996) consideram que no capitalismo temos uma produção subjetiva dos desejos em escala internacional. Uma verdadeira “economia coletiva do desejo” (p. 26), de acordo com a qual os modelos universalizados são as produções essenciais para o sistema. Os autores destacam que tais produções subjetivas não se encontram apenas no campo representativo, mas aderem a formas fixas de ser, sentir e compreender a dinâmica social e o mundo:

¹ Referência a personagem da telenovela "Carrossel", uma adaptação de Iris Abravanel produzida pelo SBT, da telenovela mexicana "Carrusel".

² O curso foi ministrado pela equipe do projeto: Marina Barbosa, Patrick Coutinho, Gabriela Barros (bolsistas), Luan Sávio (pedagogo) e Estela Scheinvar (coordenadora).

³ O conceito de capitalístico, encontrado em Guattari e Rolnik (1996), é usado para frisar as produções subjetivas em sociedades compreendidas como capitalistas, entretanto o processo de produção de desejo não é exclusivo das mesmas, podendo ser encontrado em demais tipos de sociedades.



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 à 20 de Setembro de 2014

Tais mudanças da subjetividade não funcionam apenas no registro das ideologias, mas no próprio coração dos indivíduos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular como tecido urbano, com os processos maquímicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas. (p.26)

Construiu-se historicamente um arquétipo do que é ser e agir como professor, sendo a ideia do pastorado um dos pilares principais. A partir de tal arquétipo exigem do professor (os pais dos discentes, os discentes e a própria equipe pedagógica) determinadas práticas e condutas que sufocam produções subjetivas que se desviam dos modelos produzidos em torno da profissão docente. Trata-se, portanto, de um agenciamento coletivo de enunciação. Coletivo, pois Guattari e Rolnik compreendem que não são agentes individuais os responsáveis pela produção de desejos, ao contrário, de acordo com os autores, a subjetividade é “fabricada e modelada no registro do social” (1996, p.28). A indagação de uma das professoras presente no curso coloca em análise esse tipo de enquadramento em subjetividades serializadas: “... essa também não é uma questão histórica do professor ser sempre aquela pessoa perfeita, professor não pode fumar, professor não pode brigar...?” (Professora 1). Guattari e Rolnik percebem que os profissionais ditos “sociais”, ou seja, psicólogos, sociólogos, pedagogos, professores, assistentes sociais, entre outros, se encontram em uma “encruzilhada política e micropolítica” (p.29), pois ou irão operar por meio dos modelos de subjetivação capitalística reproduzindo-os ou irão encontrar escapes por meio de processos de singularização⁴.

Compreendemos, no discurso da professora recém citada, um conflito gerado pela chamada “encruzilhada política”. Ela coloca em análise o agenciamento coletivo de enunciação que enquadra suas práticas pedagógicas e pressiona suas subjetividades:

É muito sério porque você como professora, você tem a sua subjetividade, você não pode colocar isso dentro de sala de aula, você não pode ter o seu jeito de ser professora, porque senão os pais vão se decepcionar, a direção vai se decepcionar e as crianças ficam assim: 'Não acredito professora. Por que você fez isso?... a professora Helena jamais faria isso' (Professora 1).

Ela percebe que os agenciamentos em questão não são individuais, mas estão difusos no corpo social. Guattari e Rolnik observam que a produção de individualidades tem como um de seus dispositivos de propagação os aparelhos midiáticos, presentes na fala acima que apresenta com ironia a produção de um estereótipo da docente perfeita, veiculado em uma telenovela.

⁴ De acordo com Guattari e Rolnik (1999): [...] é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de ‘processos de singularização’, uma maneira de recusar esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e tele comando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (p.16-17, grifo do autor)



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

A “Professora Helena” representa na trama a concepção de professor/pastor: incondicionalmente dedicada ao seu ofício, atenta a todos seus estudantes, elegante, disposta a bem conduzir cada um deles no espaço escolar e no privado. Em face às adversidades a personagem redobra sua dedicação como receita para o sucesso docente. Neste mesmo sentido, uma das participantes do curso que nunca foi professora percebe que: “...o que muda, o que pode fazer uma diferença na vida do aluno e do profissional é realmente o amor à profissão... Então é questão de ter esperança, é questão de perseverança, é questão de acreditar naquilo que você faz” (estudante de formação de professores 1).

O professor carrega no seu ofício o sacerdócio, se responsabiliza por suas ovelhas de modo a se preocupar com cada uma, a tratá-las individualmente para que o coletivo também seja resgatado dos caminhos inadequados e salvo. Dessa perspectiva, mesmo que essa missão pareça impossível ou desgastante, o professor deve manter a crença de ser o responsável pela salvação de seus alunos. Uma ovelha desviada e perdida significa o fracasso da missão do pastor. Mais do que isto: a afetividade do professor é colocada em questão se entendido que o amor é o que define a sua capacidade profissional.

A fala de uma professora questiona até que ponto os problemas da escola estão relacionados com o amor do professor à sua profissão e aos seus alunos. Foi construída socio-históricamente uma figura do que deve ser um professor, daquele que irá conduzir pelo caminho certo. E constantemente isso vem sendo reforçado pela mídia, com a “professora Helena”, a “professora Maluquinha”, entre outras. Os agenciamentos que sufocam as resistências a certo modo de subjetivação dos docentes geram incômodo em professoras que questionam a culpabilização a que são submetidas por não seguirem os modelos instituídos:

... isso é uma coisa que tem me incomodado bastante na escola: a gente pensar que às vezes essa questão da incapacidade, dos problemas, é a falta de compromisso do professor. ...Às vezes o professor tem, pode ter toda a boa vontade do mundo, ele pode querer e não vai [conseguir] porque existem outras coisas bem maiores. Na fala dela [referindo-se à colega que pede amor aos estudantes] isso fica bem marcado. (Professora 1)

Foucault nos mostra que o poder pastoral é um poder de cuidado. Portanto, para cuidar e auxiliar cada uma de suas ovelhas é necessário individualizar o rebanho, tratar dos problemas específicos de cada um de seus componentes. Nesse sentido, para que o professor/pastor tenha como tarefa um olhar mais próximo para com o aluno, é necessário que atente à intimidade dos discentes, a fim de descobrir possíveis elementos que poderiam estar desviando-os da conduta considerada correta. Deveriam agir como a romântica professora Helena, que ao desconfiar que algo errado acontecia com suas ovelhas, se dedicava a procurar, sem poupar esforços, as causas do problema e encontrava sempre a solução a ser aplicada.



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

Em meio a um sistema econômico que produz subjetividades serializadas em escala global, o não enquadramento nos modelos produzidos cria uma teia de culpabilizações coletivas. Os professores culpabilizam os estudantes, suas famílias, a própria escola, o Estado e são por todos estes culpabilizados. Nessa direção percebemos na fala de uma das professoras que participou do curso a naturalização de tal lógica, quando atribui os problemas pedagógicos às formas de relacionar-se das famílias pobres:

... e aquele professor que tem assim, uma escuta mais sensível né, um olhar mais próximo pro aluno, ele acaba chegando a várias conclusões do porquê aquele aluno está sendo considerado o aluno problema pela escola ou porque aquele aluno não passa de série ou porque aquele aluno tem dificuldade, tem que ser mandado pra sala de recursos, tem que ser mandado pra sala multifuncional, psicólogos, médicos, uma série de coisas. E quando se chega próximo à realidade daquele aluno, se descobre que foi uma aluna que foi violentada com 9, 10 anos, sexualmente, um aluno que sabe que o pai vende drogas, a mãe que diz pra ele “Olha eu só estou com fulano de tal...”- que só está com outro companheiro pra não passar fome; “eu não sou feliz com essa pessoa, então você tem que ir pra escola, você tem que estudar porque eu estou me sacrificando, você tem que se sacrificar também”, a ponto de bater na própria criança por conta de certos reveses da vida. (Professora 8)

Essa fala apresenta, por um lado, uma enorme preocupação da professora com os seus estudantes, mas pelo outro o faz em um duplo movimento: desloca os problemas pedagógicos da escola para a família e apresenta um olhar carregado de julgamentos morais em relação aos comportamentos familiares. De acordo com este pensamento, o “aluno problema” é uma consequência direta de uma família entendida como “desestruturada”, por ser pobre e suas relações serem descritas como aberrações morais.

Desqualificam-se as relações familiares quando se insiste em afirmar que boa parte dos estudantes não é educada como deveria pela família, responsável por uma ovelha de difícil pastoreio. Assim sendo, defende-se não apenas uma intervenção no próprio ambiente familiar como também um acompanhamento psicológico e médico para que se possa colocar novamente a ovelha no “caminho correto”. Para pastorear da forma devida, é necessário que a escola receba os alunos previamente enquadrados, previamente inseridos em um modelo desejado, ou que aceitem os seus desvios, facilitando a adequação às normas.

Nem ao menos se cogita o fato de que a escola, essa instituição que historicamente encarcera e aspira à padronização, não faça sentido ao estudante. Não se compreende a “má conduta” como uma forma de resistência aos enquadramentos normalizadores. As pluralidades culturais, as subjetividades múltiplas, não têm espaço no ambiente escolar.

A demanda por um comportamento normalizado não se dá apenas do professor para o estudante, é uma demanda que atravessa todos os que vivem o espaço escolar. As exigências quanto à conduta, aos valores, aos desejos,



CONEDU

Congresso Nacional de Educação
18 a 20 de Setembro de 2014

estão colocadas como condição para a prática docente. A exigência de certo modo de vida não é apenas para os estudantes e suas famílias. É uma condição para a prática pedagógica, que atravessa a todos os profissionais, considerados aptos ao trabalho na escola quando disciplinarizados e obedientes a uma ordem que dá sentido a todas as experiências construídas em sua vida profissional.

A “professora Helena”, com a sua boa vontade – o seu “amor”–, recusa os modos de existência dos estudantes ao julgar as suas práticas a partir de um padrão moral, aliando-se a eles inclusive para intervir nas famílias. A trama televisiva apresenta a condenação às práticas desordeiras dos estudantes e suas famílias como uma grande devoção de afeto, tornando-se esta a chave para a doçura na relação pedagógica, apenas possível quando todos respondem com a mesma doçura ao processo de docilização. O ideal “professora Helena” se encontra em um paradoxo: esforça-se para bem formar os estudantes e levá-los a um “futuro melhor” por amor, mas para isso é necessário que se condenem as especificidades de cada integrante do rebanho reduzindo-as ao padrão instituído pela escola. Seria a amável professora Helena uma tirana, que decreta não existir caminhos, mas apenas uma única e correta forma, ou seja, “o caminho” que deve ser trilhado por suas ovelhinhas?

Referencia Bibliografica

FOUCAULT, Michel.. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica cartografias do desejo*. 4ª Ed., Petrópolis: Vozes, 1996.